

EDITORIAL

Aceitei de bom grado o convite das colegas Roberta Barni, Adriana Iozzi e Dóris Natia Cavallari, da Universidade de São Paulo, para organizar um número inteiramente dedicado à poesia italiana contemporânea. Embora não seja esse meu principal âmbito de estudos e pesquisas, a paixão e a convivência com essa poesia me deram a coragem (e direi mesmo a temeridade) de adentrar-me por um terreno complexo e intrincado, conduzida pelas mãos de estudiosos tão competentes, como os que integram este novo número da *Revista de Italianística*.

Sempre, por solicitação das colegas da USP, acolhi a proposta de republicar algumas das entrevistas que realizei, em várias ocasiões, com alguns dos mais significativos poetas italianos contemporâneos. Tais entrevistas saíram anteriormente na revista *Insieme* (São Paulo), nos números 7, 8 e 9, de 1998 a 2001, organizados por Loredana Caprara, estando, no entanto, há muito esgotados. Às três entrevistas que selecionei – com Andrea Zanzotto, Mario Luzi e Antonella Anedda – acrescentei outra com Luzi, totalmente inédita, feita por **Laura Toppan**, da Université de Lorraine, que dedicou estudos aos poetas herméticos e, sobretudo, à poética luziana. Trata-se de um depoimento de grande densidade, centrado no tema do “dantismo” em Luzi, ou seja, nos elementos da poética de Dante reelaborados em vários livros por um dos fundadores do hermetismo florentino.

Iniciando com as entrevistas, a intenção era a de dar a palavra aos poetas, aos quais cabe a

tarefa árdua e fundamental, como afirma Luzi, de “organizar o caos” em que estamos imersos hoje. A poesia, além de ser linguagem da essencialidade do ser, é radical em sua inquirição do mundo, e os poetas sondam e desvelam a alma humana, com todas as suas incoerências, angústias e contradições, como podemos ler nos depoimentos. Zanzotto, na comovente sinceridade com que concede suas respostas, nos recorda que a poesia é “l’ultimo gradino dell’essenza” e que “l’ultimo distillato del vivere si accompagna con questo andirivieni della poesia e corrisponde ad esso”.

Após esse contato vivo com os poetas, apresentam-se alguns ensaios e resenhas de colegas de várias universidades e países – e aqui não posso eximir-me de agradecê-los pelas generosas contribuições que enviaram, onde enfocam aspectos diversificados e complementares da poesia italiana, inclusive no diálogo com outras literaturas, traçando um quadro rico e articulado do fenômeno.

Angela Biancofiore propõe uma leitura de Sandro Penna à luz de sua filiação ao lirismo mediterrâneo, cujas raízes remontam ao mundo grego e romano. Há uma linha bem precisa, afirma a estudiosa, que passa por Leopardi, Pascoli, Ungaretti, Quasimodo e Penna, que “recusa, como nas obras dos líricos gregos, a palavra grandiloquente e retórica”. É uma poesia solar, que celebra a vida e a beleza, e, ao mesmo tempo, poesia inserida na história, em que as figuras, embora aparentemente comuns e quotidianas, emergem para o poeta como sagradas pela capacidade que tem a poesia de ressignificar e ressemantizar a vida.

Patrícia Peterle concentra o seu foco de análise em Giorgio Caproni, o qual aponta e vive profundamente, em sua poética, a crise pela qual passou a Itália dos anos 1940 até meados dos anos 1960, a qual Pasolini define como o “momento do trauma”, causado pela transformação quase brusca de uma cultura ligada aos valores rurais e às tradições camponesas e arcaicas em outra caracterizada pela rápida industrialização e massificação cultural. A percepção da existência como contradição e perda, e da história como impossibilidade de restituir a verdade se projeta sempre mais profundamente sobre essa poesia “modificada, fraturada e emendada”, como afirma a autora do ensaio. Caproni, de fato, escava não apenas o real, mas desnuda a própria língua; esgarça o verso e a palavra na tentativa de colher lacunas e fraturas da experiência humana.

Laura Toppan, por outro lado, estabelece um paralelismo entre a obra de Mario Luzi e a de Dante, já evidenciada na entrevista inicial. Ambos florentinos, é natural que Luzi tenha crescido em um clima e cidade onde se respirava Dante desde os primeiros anos de vida, embora, inicialmente, seja o modelo de poesia petrarquista a marcar os seus primeiros livros. É a partir

de meados dos anos 1940 que tem início, para Luzi, uma radical revisão de sua poética e de sua relação com o mundo, certamente marcada pela dramaticidade do momento histórico que a Itália e a Europa estavam vivendo. Luzi retorna, assim, ao horizonte dantesco por uma sentida consonância de sentimentos e poéticas, e instaura a partir de então um diálogo intenso e uma relação estilística e de conteúdo com a *Commedia*. O reencontro com Dante é solicitado pela exigência concreta de abrir-se a um diálogo com a alteridade, representada pela humanidade em crise ao redor. Em toda a poesia de Luzi, de íntimo significado escatológico, há uma exigência de comunhão com seus símiles que se realiza na história. Muito mais do que com o inferno dantesco, porém, ele a identifica com o purgatório, condição e emblema da nossa parábola, na qual o sofrimento não se dissocia da esperança de alguma redenção possível.

Com esse ensaio e as duas entrevistas a Mario Luzi, queremos prestar homenagem ao poeta pelo centenário do seu nascimento, ocorrido em 2014, que contou com uma série de eventos na Itália e no mundo.

Deixando a pátria de Dante, adentramo-nos em outra terra e continente, uma pátria migrante elaborada pela fusão da cultura e literatura brasileira e italiana por um poeta que perdemos tão precocemente: Eduardo Dall’Alba. Nascido em Caxias do Sul, de família originária do Vêneto, e com mais de dez livros publicados, Eduardo nos deixou uma obra tocante que ainda deve ser devidamente redescoberta e analisada, em que o poeta recupera a vivência recalcada e silenciada dos milhares de imigrantes italianos no sul do Brasil.

No entanto, não há nessa poesia qualquer tentativa de leitura e interpretação da imigração italiana em termos heróicos, como às vezes ocorre em certos discursos oficiais, em que o imigrante é apresentado como uma espécie de desbravador de territórios desabitados. A vida é real, a dor é viva, a terra é ávida de fadiga humana, e não há heróis, não há pompa ou retórica, apenas homens e mulheres lutando da melhor forma possível para sobreviver.

Flaviano Pisanelli, por sua vez, debruça-se sobre a obra de Gesualdo Bufalino, sobretudo sobre dois livros: *L’amaro miele* e *Museo d’ombre*, ambos publicados em 1982. O primeiro, um texto poético, o segundo, um livro em que se diluem os confins entre poesia e prosa e o autor recupera momentos intensamente líricos da memória. A Flaviano, nesse ensaio, interessa a questão de como Bufalino conjuga as contradições de sua terra, a Sicília, tecendo uma imagem bipolar de uma identidade e de um espaço insulares a partir de termos que se autoexcluem. Nesse sentido, é o oxímoro a figura que melhor representa a Sicília, essa ilha-ponte onde tudo é excessivo e exacerbado. O oxímoro, contudo, afirma Flaviano, deve ser entendido aqui,

paradoxalmente, como “spazio di senso simultaneo in cui convivono le divergenze”. De fato, no oxímoro, os dois termos, embora opostos, coexistem e convivem, permitindo abertura e pluralidade de vozes e visões de mundo que bem representam a poética e o universo do autor.

Begoña Pozo Sánchez focaliza e analisa o trabalho inovador e performativo da “Compagnia delle Poete”, fundada em 2009 e já com quatro espetáculos montados e diversas apresentações na Itália e em outros países. Segundo a autora, a novidade aportada pela “Compagnia” se evidencia em suas propostas e características, entre elas a multidisciplinaridade artística (que une à poesia outras formas de arte, como o teatro, a música, a dança, a fotografia); o caráter de testemunho concreto dado por suas autoras, uma vez que os textos saltam da página para o palco e são representados pelas componentes do grupo; o uso de uma escrita descentrada, móvel, flexível, coletiva e policêntrica, já que os espetáculos nunca se repetem, pois as vozes e presenças no palco se alternam e, conseqüentemente, altera-se o *script* de cada representação.

Esse número da revista se conclui com quatro resenhas, duas de **Prisca Agustoni**, acerca das coletâneas *Strade bianche*, de Pierre Lepori, e *Ablativo*, de Enrico Testa; uma de minha autoria, sobre o livro *Il fiume nel mare*, de Alessio Brandolini; e, por último, uma resenha de **Andréia Guerrini** ao livro *Poesia non poesia*, de Alfonso Berardinelli.

Não nos resta que desejar uma boa leitura!

Vera Lúcia de Oliveira